



CONTOS PROFESSORES



**JAIME PELLOUTIER
TEREHELL, 2014**

CONTOS PROFESSORES

Jaime Pelloutier

CONTOS PROFESSORES COS



2014.

Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí
anarquistas-pi.blogspot.com.br
facebook.com/anarquismo.pi

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	06
INTRODUÇÃO.....	08
PROFESSOR	09
OS FATOS.....	10
A DIRETORA.....	15
A INVESTIDA DO PODER INSTITUCIONAL.....	18
NOTAS	22

PREFÁCIO

“A educação de mulheres e homens livres constitui o alicerce no qual pode vir a ser uma sociedade libertária. Por isso, os espaços de formação precisam estar comprometidos com a construção de um projeto emancipatório, igualitário, autogestionário, antiautoritário e em sintonia com a diversidade daqueles que dele fazem parte.” (Manifesto do Núcleo Pró-Federação Libertária de Educação).

É preciso romper o medo

Silvio Gallo, em “Pedagogia do risco”, uma das obras essenciais para quem quer entender a Pedagogia Libertária, nos fala sobre a necessidade de romper com as práticas pedagógicas tradicionais que ele chama de Pedagogia da Segurança. Em lugar dessa pedagogia baseada na delegação de poder, no autoritarismo, na completude do discurso que não deixa espaço para a fala do que aprende, propõe, então, a Pedagogia do Risco.

A Pedagogia do Risco nos convida a sair do lugar confortável do “detentor de saberes” para ocupar um outro espaço, o do mestre ignorante (no sentido de desconhecer, ignorar) e aprender junto, numa construção coletiva e autogestionada de saber. Esse convite é tentador, mas ao mesmo tempo assustador para muitos de nós, porque ele nos põe a pensar nos limites que nós mesmos impomos as nossas práticas.

O quanto de nossas queixas contra o sistema não são, na verdade, nosso mecanismo de defesa e acomodação ao sistema de “segurança”? Quanto estamos dispostos a arriscar todos os dias na construção coletiva de uma educação para e pela liberdade? No entanto, é preciso que comecemos por algum lugar, porque dificilmente teremos as condições necessárias e suficientes algum dia se não começarmos a cavá-las ainda hoje.

Nenhuma mudança acontece no mundo se não acontece primeiro nas pessoas. Nós, educadores, ocupamos um espaço privilegiado para gestar as mudanças, não como projetos do porvir, mas como cotidiano, como construção do caminho enquanto caminhamos. Nesse sentido, o texto a seguir - “Contos professorescos” - nos mostra que cada espaço de questionamento individual/coletivo reverbera e amplifica os questionamentos individu-

ais/coletivos e nesse pensar junto podemos aos poucos transformar, enquanto nos transformamos.

Ninguém dirá que é fácil, nem que existe fórmula. Ninguém dirá que não é cansativo, às vezes; nem solitário, no começo. Mas o professor desses contos nos diz que é possível. E necessário. E requer a coragem revolucionária de, acima de tudo, começar a dizer NÃO.

Katia Motta

Núcleo Pró-Federação Libertária de Educação

Era uma típica tarde de agosto. Céu azul, sol brilhante: um calor infernal sempre presente naquela região, principalmente entre os meses de agosto e dezembro. Era sábado e era dia letivo. O calendário contemplava aulas de segunda a sexta, mas, naquela escola, as aulas aos sábados eram quase uma constante. Acontece que naquela localidade a educação não era lá muito bem tratada. O ensino público gratuito e de qualidade era algo palpável apenas nos documentos oficiais e nos discursos políticos. A realidade era que a estrutura da escola pública era precária, os professores mal remunerados, desmotivados, explorados, acomodados e mais um sem número de “ados” que caracterizam uma classe social e trabalhadora desequilibrada. O ensino público era de má qualidade e isso levava a constantes inquietações dentro da comunidade escolar, que às vezes se manifestava na forma de greves dos profissionais da educação. Os movimentos paredistas tinham como pauta de reivindicações assuntos de primeira necessidade como salário, jornada de trabalho, entre outros que preconizavam melhorias na educação. Entendia-se que os objetivos seriam alcançados partindo da conquista de melhorias nas condições de trabalho dos educadores e das educadoras¹. O ônus imediato aos que aderiam ao movimento grevista era ter que repor as aulas ao término das negociações, após o retorno às atividades. A forma mais eficiente encontrada pelos gestores e trabalhadores daquele lugar era acrescentar um dia letivo ao calendário escolar, transformando assim os sétimos dias em “sábados de reposição”. É numa tarde de sábado de agosto numa escola pública que encontramos nosso protagonista. Se mocinho ou bandido, herói ou vilão, certo ou errado, coerente ou louco, deixo ao cargo do sentimento de quem ler decidir.

PROFESSOR

Nosso professor era jovem, tanto em idade quanto em “tempo de serviço”, duas medidas que eram eventualmente utilizadas como auxiliares no momento de se avaliar profissional e pessoalmente o docente. Ainda não tinha 30 anos completos e de efetivo magistério ainda não cruzara a barreira dos cinco. Nunca havia desejado essa profissão, nem sequer se imaginava vivendo de vender aulas (por sinal, tão baratas) para um órgão do governo. Tinha chegado àquela situação por força das circunstâncias, ou talvez, para dar um ar meio sobrenatural ou divino à trama, pela influência do destino. Seja qual for o caso, estava naquele agosto, a menos de um mês de completar seu terceiro ano naquela unidade de ensino.

Tinham sido tempos difíceis para ele aqueles últimos três anos. Adentrou na educação pública munido da mais perfeita formação positivista, defendendo arduamente a disciplina na escola e o empenho incondicional do alunado como receita para uma educação de qualidade. Embora desde sempre tivesse orientações políticas simpáticas ao libertarismo, iniciou a atividade docente prezando pela valorização do professor como o centro do processo educacional. Acreditava que para resolver a situação bastava dar mais poder ao professor, tanto financeiro como administrativamente, dando a este um leque maior de possibilidades de punição. Estas condições gerariam o ambiente ideal para a aprendizagem. Não demorou muito a perceber quão verdadeiro é aquele bordão que diz: “na prática a teoria é outra”. Ele ainda não havia se dado conta de que forças maiores e mais nefastas atuavam efetivamente naquele terreno escolar, o qual havia cultuado, quase que religiosamente, ao longo de toda sua vida.

Deparou-se com a resistência do sistema, das pessoas, dos alunos e dele próprio. A realidade era outra. Embora não muito mais de quinze anos separasse nosso protagonista da época em que ele próprio fora aluno, as coisas haviam mudado drasticamente. Logo no primeiro ano de magistério deu-se conta de que as ferramentas que julgava adequadas ao processo ensino-aprendizagem eram totalmente ineficazes diante das adversidades em que a escola tinha sido afundada. Passou a perceber o quanto ele havia sido

corrompido, o quanto o sistema já se injetava em suas veias, o transformando cada vez mais numa marionete. Percebeu isso num tempo relativa-

mente curto, mas o processo foi complicado e doloroso, até que ele pudesse se dar conta de que ia pelo caminho errado.

Como se uma venda lhe tivesse sido tirada, passara os últimos três anos se desconstruindo e se reconstruindo, se desencontrando e reencontrando. Neste momento, já era reconhecidamente um elemento que ia contra a ordem social vigente. A formação libertária que iniciara ao entrar na academia lhe servia agora de energia para cerrar fileiras junto aos companheiros e companheiras que também lutavam por melhorias. Não dava as costas, porém, à sua fé científica, por isso, vinha cada vez mais buscando relacionar suas ideias com a dos teóricos. Voltara a estudar freneticamente. Iniciara aquele ano com duas atitudes que o levariam aos acontecimentos desse emblemático sábado de agosto: mantinha-se firme no apoio à luta sindical (embora em seu interior já questionasse ferrenhamente a atuação do sindicato) e transformaria suas salas de aula em laboratórios. Iria ousar, tentar, experimentar, escrever, produzir, incitar. Enfim, tentaria mudar as coisas. Nem que fosse apenas as coisas que pudesse mudar. Tentaria mudar o mundo, nem que o mundo naquele momento se reduzisse às suas salas de aula.

Suas atitudes, seus discursos, suas roupas, sua postura, seu cabelo, seu olhar, tudo isso o levava a um ponto sem volta. Naquele quente agosto, nosso professor era um rebelde.

OS FATOS

Ele vinha lendo muito naqueles dias. Lia sobre revoluções, revolucionários de armas nas mãos à frente de exércitos; sobre pedagogias, pedagogias libertárias, pedagogia dos oprimidos e dos opressores; sobre filosofia, sociologia, biologia, meio ambiente, política, religião, ciência. Estava literalmente fervendo naquele início de segundo semestre letivo. Gastava horas conversando com colegas sobre os rumos da educação, sobre os rumos da sociedade e do planeta, e até do espírito. Escrevia, lia, fazia experimentos nas aulas, aplicava questionários, falava aos colegas sobre suas ideias, con-

vidava, mesmo que discretamente para não assustar, a compartilharem de seu entusiasmo em ver as coisas de outra forma.

Eis que por ocasião desse sábado de reposição, ele resolve testar algo bastante simples, embora fundamentado em conceitos e discussões científicas². Tratava-se de deixá-los livres para fazerem o que bem entendessem. Nosso docente utilizou quatro palavras, escritas no quadro da seguinte forma:

“Ação”

1. Observar, registrar (documentar), relatar.

A primeira turma (oitavo ano) não deu muita atenção à ação, talvez por responderem mais prontamente ao chamamento “ATIVIDADE” no lugar de ação. O primeiro horário transcorreu de forma tranquila, principalmente devido ao reduzido número de alunos – nos sábados geralmente iam poucos estudantes – o que, associado a vários outros fatores, levava o professor a pensar se os sábados de reposição eram realmente para garantir os direitos dos alunos a uma determinada carga horária de aulas, ou uma ferramenta para punir os rebeldes que resolveram aderir à greve. Fato interessante foi que alguns alunos do sétimo ano (que estavam fora de sala de aula) começaram a entrar e participar das conversas e discussões. Não havia nenhuma imposição, nenhuma regra, ali estavam alunos de séries diferentes numa mesma sala discutindo assuntos comuns relacionados a conceitos básicos como o heliocentrismo.

O professor os incitava a provar que era a Terra que girava em torno do Sol, e eles iam tecendo suas considerações de acordo com suas capacidades, indo desde afirmar que estava nos livros, a citar filmes ou então explicar utilizando a noite e o dia. Não havia regra alguma, a vez de falar era conquistada no consenso³, a permanência ou não na sala era por eles decidida, bem como se deveriam ou não retornar. Mesmo com toda essa liberdade, o debate não cessou, até que terminasse o horário. Como vários alunos do sétimo ano estavam na sala, resolveu-se que o docente permaneceria em “sua sala”, ao passo que os alunos se deslocariam. O sistema não fazia o menor sentido para todo o arcabouço educacional da época. A ideia partira dos próprios alunos, sendo apenas apoiada pelo professor. Observava-se que o alunado fixava-se num determinado local e os professores e professoras se revezavam para ir até eles, em dias horários e tempos pré-determinados, o que excluía toda e qualquer forma de espontaneidade. A

interação entre docentes e discentes era regida por estruturas que favoreciam a mecanicidade das relações.

Iniciado o segundo horário, a turma ficou mais populosa, entretanto com um número reduzido de alunos. Chegava a vinte e poucos, o máximo. Nos dias normais eram trinta e tantos. A postura do professor continuou a mesma do primeiro horário. Vestia a camisa de um encontro nacional de estudantes do qual participara cinco anos antes. A calça jeans era a mais nova. Era daquele ano mesmo. Sua mãe havia lhe comprado por ter notado que ele possuía apenas duas. Tinha guardado a calça sem usar. Quando a que vinha usando rasgou, ele começou a usar a nova, voltando a possuir duas calças usáveis para dar aula normalmente. O tênis não era dos mais velhos, mas era surrado, sujo, e não era de marca. Ele estava sentado sobre a mesa de ferro, em posição de lótus. Tinha um livro nas mãos: um romance histórico sobre uma revolução ocorrida num tempo e num espaço distantes dele por menos de um século. Lia com empolgação.

O primeiro disparo não demora: “Professor, o que é que é pra fazer?” Ele queria ter respondido cantando: *“faz o que tu queres pois é tudo da lei”*. Mas se limitou a apontar para o quadro que ainda continha as palavras da aula anterior. Aí se inicia o bombardeio: “Professor, num entendi não, é pra fazer o quê?” E ele calmamente lê as palavras escritas no quadro. O que leva ao seguinte diálogo:

Turma: “Observar o que professor?”

Professor: “Não sei, o que você quiser”.

T: “Documentar como professor?”

P: “Não sei, como você quiser”.

T: “Mas como é que faz isso aí professor?”

P: “Simples: vocês observam, registram e relatam o que quiserem, como quiserem e da forma que quiserem”.

Eis então que, diferentemente da propriedade privada que é um fruto da sociedade⁴, um sabido ergue a mão e faz a pergunta decisiva, com um sorriso nos lábios por ter quase certeza de que a resposta ia ser negativa.

Pergunta feita como uma afronta ou como uma brincadeira: “Posso ir observar lá fora, no resto da escola?” Ao que nosso “Professor Anarquista Epistemológico” de Feyerabend, responde categoricamente: “Se você quiser!” Não demora muito para que a turma inteira tenha a mesma ideia. Em poucos minutos, a sala conta apenas com uma única presença, com as pernas cruzadas sobre a mesa, lendo.

A atividade tinha por objetivo estimular a criatividade dos discentes, ao passo que também se prestava a dar uma “folga”, uma pausa no ensino tradicional praticado durante toda a semana. Em termos práticos, o professor acreditava que não seria feito nenhum tipo de observação que pudesse vir a ser registrada e muito menos relatada, mas sabia estar ali plantando uma semente de liberdade, um breve momento de alegria e descontração naquele ambiente que era tão hostil.

– “Talvez, a partir da terceira vez que eu proponha essa atividade, eles comecem a se cansar de não fazer nada nesse horário e resolvam produzir alguma coisa”, pensava o reflexivo docente.

Mas qual não foi sua surpresa quando um grupo de garotos perguntou se podia fotografar ou filmar com o celular. “Se quiserem”. Foi a resposta que tiveram, e de repente já iniciavam uma filmagem na sala mesmo, com um dos alunos mais displicente da turma fazendo às vezes de apresentador. Espontaneamente e sem nenhum planejamento ou imposição ou direcionamento, se decidiram por filmar as coisas erradas da escola. E saíram, um grupo de sabe-se lá quantos, organizados sabe-se lá de que forma. Mas foram. Algum tempo depois chega um grupo de meninas, cada uma com uma página ou duas de caderno, escrito alguma coisa, organizado em tópicos, haviam realizado uma vistoria e agora se preparavam para também irem filmar.

O professor começa a se emocionar. Alguns alunos estão apenas passeando pela escola, mas a grande maioria está empenhada em fazer um levantamento das necessidades do espaço físico, um documentário, uma denúncia, seja lá o que for. Um grupo chega com uma prévia de um vídeo. Entrevistaram uma professora, uma trabalhadora da escola, uma aluna. Estavam agindo, tentavam aprender alguma coisa sozinhos. Naquele momen-

to o professor pouco interferia, pouco interessava, nada tinha a ensinar, mas aprendia muito com as atitudes e pontos de vista daquelas crianças.

Resolve ir tomar água e no caminho vê uma professora de inglês utilizando uma parte da escola onde existem algumas plantas. O solo não é dos mais agradáveis, não há uma grama verdinha, ou uma areia macia e gostosa de pisar, é simplesmente uma parte do terreno que não tem cimento, mas tem mangueiras. As maiores, embora ainda não muito altas e frondosas, já produzem uma sombra relativamente boa. A professora estava utilizando a sombra de duas mangueiras. Ela, uma afrodescendente belíssima que ostentava uma cabeleira cacheada, organizou as crianças em círculo e estava conversando com eles. Naquele instante palavras como Aya-bás, Griôs, Axé, percorreram o pensamento do professor e ele pensou na África, na floresta, nos xamãs... Era uma cena bonita de se ver... Lembrou-se das histórias que ouvira na infância, de professoras que davam aulas “embaixo de um pé de árvore”. Sentiu-se bem. Seus alunos haviam “atrapalhado” a aula da professora, conseguindo arrancar dela um breve depoimento sobre a situação da escola. Depoimento quase politicamente incorreto por ela afirmar que “tá tudo errado, tem que mudar tudo pra melhorar”. No primeiro horário havia sido a interação de duas turmas suas, agora as turmas saíam das salas e se encontravam em outro espaço, e interagiam de forma diferente, pois as sensações e as noções se apresentavam de outras maneiras, sobre outros pontos de vista.

O professor decide que irá aguardar e acompanhar o retorno das crianças também do lado de fora da sala. Posiciona uma cadeira na porta e retoma a leitura, que logo é interrompida pela chegada de um grupo de meninas com um vídeo já pronto. O professor passa a assistir o vídeo com o celular nas mãos. As alunas o cercam. Há risos, comentários. O clima é bom. Nosso professor está feliz, orgulhoso daquelas crianças que às vezes até ele mesmo subestimava. Mostram-lhe, de forma espontânea, que a elas não faltava nada. Continuavam sendo curiosas, ativas, rebeldes, alegres, debochadas, voláteis, inteligentes, criativas, como devem ser todas as crianças. Não faltava nada à essência daquelas crianças, o que faltava era uma escola (uma sociedade) que as acolhesse com respeito, com solidariedade,

com liberdade. Os erros de nossas crianças são os erros de nossa geração, de nosso modo de vida, de nossas religiões, de nossas famílias. Atribuir às

crianças a culpa por suas faltas é no mínimo hipocrisia, visto que ao longo dos tempos sempre coube aos adultos cuidar e educar as crias. Logo, se elas estão sendo mal-educadas, a culpa não pode em hipótese alguma ser atribuída a elas, ao desinteresse, a falta de criatividade ou de inteligência ou nada do tipo. Por outro lado, a culpa pode ser dividida por toda a sociedade, pois cabe a ela cuidar e educar as crianças. Assim devaneia nosso ilustre aluno docente. Mal sabe ele que, este é apenas “o silêncio que precede o esporro”. O mal vem a galope, vem vestido de negro, vem com a voz baixa, mansa. Talvez dizer que ele vinha a galope seja um insulto aos seres que galopam, melhor pensar que vinha como uma nuvem virulenta carregada de energia negativa.

A Senhora Diretora se aproxima.

A DIRETORA

A diretora também era jovem. Rondava os 30 anos, não chegava a ser uma bela mulher, mas também não era nada absurdamente desagradável de olhar. Tinha uma estatura boa em comparação com as mulheres da região, e quase sempre valorizava essa estatura com a utilização de calçados de salto alto, geralmente com solados de madeira que faziam um barulho característico quando passava. Com um pouco de perícia ou paciência, pensava o professor, seria possível associar o seu humor ao barulho de seus saltos.

Era pedagoga, cristã, provavelmente católica; casada, talvez tivesse filhos. Tinha voz mansa, sonsa, com um timbre mesclado de um agudo médio com uma certa rouquidão, que desafinava quando tentava elevar o tom com os alunos. Era fraca na oratória, com uma presença e carisma sofríveis. Em contrapartida, esbanjava soberba, cinismo e inveja, talvez oriunda de uma incompetência aguda. Tentava ser autoritária sem, no entanto, demonstrar qualquer autoridade. Era uma figura vingativa, perseguidora e bajuladora. Era assim que ela era vista pelo professor naqueles dias, mas nem sempre as coisas tinham sido assim.

A Diretora começou na escola como professora de bloco⁵ e já no ano anterior ao nosso ocorrido, tornara-se pedagoga, passando então a outro

status dentro da instituição escolar. Foi nessa época que ela se apresentou a nosso professor. Chegou com um discurso bonito a princípio, de que iria trabalhar junto com os docentes, que apoiava suas bandeiras de luta, entre outras coisas. No segundo semestre desse ano, o movimento sindical apresentava uma “vitória” no campo das negociações, conquistavam o direito de realizar eleições para a direção das escolas⁶. Esta questão ainda se reconstruía de um movimento paredista que dividira de forma drástica o quadro dos docentes, e agravou os conflitos entre a direção e ala mais radical dos grevistas, ala a qual logicamente nosso professor não só fazia parte como militava ativamente no enfrentamento direto em seu local de trabalho. O grupo rebelde viu nas eleições uma maneira legalista de tomada do poder da escola, elegeriam gestores que pudessem fazer frente às atrocidades implicadas pelo órgão público responsável pela educação, o qual era conhecido pela alcunha de A Secretaria.

Acontece que a vitória não tinha sido completa. Todos poderiam se candidatar à direção da escola, desde que preenchessem certos requisitos, como *tempo de serviço*. Dessa forma, as opções do grupo rebelde se reduziram bastante, pois, nenhum dos mais interessados em se tornar gestor atendia aos requisitos. Começaram então a pesquisar entre aqueles que, embora não se mostrassem totalmente adeptos aos rebeldes, fossem pelo menos simpáticos ao movimento. Acreditavam que nenhuma gestão poderia ser pior que a atual e propunham uma forma alternativa de administrar o estabelecimento de ensino. Fariam uma gestão participativa, na qual todos os professores e professoras se reuniriam em conselho para administrar juntamente com quem estivesse ocupando a cadeira de diretor e de diretor adjunto.

Vale salientar aqui que nosso destacado professor ativista não almejava ser diretor. Pelo contrário, abominava esta divisão social que colocava um profissional acima do outro, um ser humano acima de outro. Acreditava que as decisões deveriam ser tomadas em consenso, com a participação ativa de todos e todas. Em tempo, entendia que naquela situação seria preciso se render um pouco ao legalismo, pensava em primeiro adotar a linha re-

formista para em seguida progredir para a revolução, de forma gradativa, de acordo com que fossem evoluindo suas formas de organização bem co-

mo seus próprios espíritos e consciências. Aprenderiam a gerir uma escola gerindo uma escola⁷.

As opções se reduziram às atuais diretora e adjunta. Graças a uma proeza do destino, nosso rebelde não carrega nos dias do acontecido a culpa ou o remorso de, mesmo sendo defensor de uma política libertaria, ter dado seu voto e contribuição para colocá-la no local onde se encontravam. Não votou a favor dos créditos de guerra como a personagem de nome Rosa, do romance que estava lendo⁸. As duas se negaram a participar das eleições como representantes do partido docente. Deram como motivos, problemas pessoais, falta de tempo e de interesse na administração, falta de conhecimento para desempenhar as tarefas administrativas, falta de preparo e indisposição para assumir tantas responsabilidades, entre outras coisas menos relevantes.

O prazo para inscrições de chapas se encerra sem que os rebeldes consigam lançar uma candidatura. Isso se deu no mês de novembro. Já em fevereiro as duas assumiam os cargos após “indicação” da Secretaria. Ao final de abril já era quase unânime entre os rebeldes, o sentimento de que eles haviam cometido um erro colossal ao afirmarem que nenhuma gestão poderia ser pior que a do ano anterior. A atual havia transformado a escola num pandemônio. O caos reinava e as coisas iam de mal a pior.

A diretora se aproxima. Passo firme e cadenciado: toc-toc. Ela vem de preto, elegante. Bem maquiada, com joias. Um semblante sereno, um leve sorriso nos lábios, mas não daqueles que nos faz querer correr pra cima da pessoa e rir junto com ela. É um leve sorriso que assustava um pouco ou pelo menos causava algum desconforto. Uma das alunas pergunta quase num sussurro: “Professor, lá vem a diretora, ela num vai brigar não?” O professor ri: – “Brigar?! E por que ela brigaria? Vocês estão no meio de uma atividade e estão indo muito bem, por sinal”, foi o que ele disse, mas seu coração sentia outra coisa. Sabia que a tormenta se aproximava. Sabia que aquela seria uma batalha que ele não poderia evitar.

Pois que fosse, pensou. “VIVA A REVOLUÇÃO!”, bradou pra si mesmo em seu consciente mais positivo.

A INVESTIDA DO PODER INSTITUCIONAL

O professor viu a senhora diretora gentilmente conduzir seus alunos e alunas sala adentro. Houve um ou outro levante de resistência dos discentes, que foram prontamente repelidos com um leve acréscimo de quase uma oitava no tom de voz, reforçando o imperativo autoritário. Ela simplesmente havia interrompido uma atividade que se realizava de forma esplêndida. A autonomia na formação dos grupos, as decisões sobre o que observar (no caso os problemas estruturais da escola), a forma como estavam administrando os conflitos, o empenho. O grupo das meninas já havia retornado com várias páginas escritas, numa época em que era consenso entre todos e todas em todas as séries e turmas, que o alunado odiava escrever. E realmente eles deviam odiar, mas não o ato de escrever em si, talvez eles e elas odiassem escrever coisas que não lhes interessavam. Pergunta frequente nas rodinhas de conversa dos educadores, na sala dos professores, era: “O que podemos fazer para essas crianças se interessarem pelos estudos? O que fazer pra que eles se dediquem?” O professor começava a ter um vislumbre da resposta. Deixem que eles e elas decidam o que querem estudar, como querem estudar, quando querem estudar. Deixem-nos livres! Deixem que eles entendam por si próprios suas necessidades, suas potencialidades, deixem que eles reconheçam seus erros, suas deficiências, suas falhas. E acima de tudo, pensava mais profundamente o professor, estejam com eles. Sintam, reflitam, se importem realmente, não somente com uma falta ou uma atividade ou um décimo ou uma prova. Importem-se com suas vidas, com seus sonhos, com seus desejos, com suas famílias. Façam parte da vida deles. Colaborem com todas as forças para que se emancipem, como seres humanos, para que se tornem pessoas boas e felizes.

Mas o professor já estava sozinho sentado em sua cadeira, na porta da sala de aula, com seu romance nas mãos. Seus alunos tinham sido trancados numa sala pelo poder coercitivo de uma força que usava uma voz, suave, mansa, com um leve sorriso nos lábios e um ódio cego no olhar. Seus alunos e suas alunas foram conduzidos para dentro da sala, retirados bruscamente de seu sonho de escola como lugar interessante, onde se podia fazer várias coisas, inclusive aprender, e inclusive ensinar. O professor es-

tava só. A doce melodia das crianças rindo a sua volta, acompanhada sinfonicamente pelas vozes infantis que explicavam as cenas que se passavam

no celular, havia sumido. Reinava o silêncio (coisa rara de acontecer naquela escola). Parecia que até mesmo as paredes e as plantas e os animais haviam se chocado com tamanha truculência. E a “violência simbólica”⁹ tinha apenas começado.

Tentarei transcrever o diálogo entre nossa personagem rebelde e sua adversária institucional, sem maiores explicações ou comentários, visando com isso portar-me como imparcial (sem querer ser hipócrita), para que todas que leiam possam fazer seus próprios julgamentos.

Após se certificar que todos os alunos estavam sentados, em fila, comportados, calados, dóceis, ela sai da sala e se dirige suavemente para o professor:

Diretora: – “Professor, que atividade o senhor esta fazendo?”

Professor: – “A que esta escrita no quadro”, respondido também com tom suave e jovial.

D: – “Eu não estou perguntando o que está escrito. Estou querendo que me diga qual é a atividade”.

P: – “A atividade é aquela que esta escrita no quadro”.

D: – “E o que é que isso tem a ver com sua matéria? Isso está no seu planejamento? O que você planejou pra essa atividade?”

P: – “Você quer realmente que eu te explique uma metodologia minha pra uma aula diferenciada? Solicite formalmente através de documento que eu produzo um texto te explicando”.

D: – “Não, professor, eu quero é saber o que você está fazendo, porque seus alunos estão todos fora da sala, você acha mesmo que essa é a postura de um professor? Você acha mesmo certo o que você esta fazendo?”

O professor se levanta.

P: – “Ah!, então, você não está querendo saber o que eu estou fazendo, você já está de antemão criticando o que eu estou fazendo. Está questionando

a objetividade de uma atividade proposta por mim. Pois bem, vamos dialogar sobre a importância da atividade com os maiores interessados”.

O professor entra na sala.

P: – “Venha diretora, vamos discutir sobre a importância dessa atividade com eles. Vamos ouvir a avaliação deles para construirmos as nossas...”

O professor é interrompido pela quase cômica figura da diretora, parada no limite da porta, mas do lado de fora, se dirigindo a ele com dedo em riste, e mais que uma oitava de prepotência na voz. No mesmo instante, risinhos abafados e gestos de animação surgiam entre os alunos.

D: – “Professor, tenha mais respeito! Aja como um profissional! Se você quer debater vamos até minha sala, que lá nós podemos fazer isso, mas eu não vou ser antiética e bater boca com você na frente dos alunos...”

P: – “E dialogar com eles você pode? Ou você só sabe mesmo bater boca?”

A diretora vira as costas dizendo palavras desconexas.

P: – “Volte diretora! Não vire as costas para os alunos! Você acabou de atrapalhar uma atividade deles, venha explicar o porquê! Eles merecem!”

Ela retorna e dessa vez entra na sala. O tom de voz soa descompassado, alterado, nervoso.

D: – “Olhe aqui, professor, tenha mais respeito. Seja ético. Você não deveria estar constrangendo seus alunos dessa maneira...”

Subitamente, a diretora é interrompida pelo professor que aumenta o tom de voz. Pensando estar fazendo um discurso para um pequeno exército que enfrenta seu inimigo poderoso.

P: – “Constrangendo?! Eu?! Você chega no meio de uma atividade que eles estão fazendo e gostando. Você interrompe e usa de todo o seu autoritarismo para primeiro colocar eles pra dentro e depois vir falar comigo. Ou seja, você interrompe uma aula e vem falar de respeito e constrangimento?”

D: – “Professor não venha colocar problemas pessoais seus pra ser discutido na frente dos alunos. Eu lhe chamei pra irmos conversar na minha sala ou em outro local, porque essa discussão não tem nada a ver com eles...”

P: – “Ora deixe que eles decidam se tem a ver ou não. Você já interrompeu mesmo e entrou na atividade mesmo sem convite. Agora permita pelo menos que eles participem também!”

D: – “Professor, eu já disse o que tinha pra dizer. Quando o senhor começar a tratar a escola e as pessoas com respeito, venha conversar comigo!”

Nem bem a Diretora dá às costas e sai da sala, surge uma vibrante salva de palmas, tanto na sua sala como na sala ao lado, que tinha parado para acompanhar a discussão.

P: – “Pessoal, quem ainda quiser, pode continuar a atividade. Podem terminar o que estavam fazendo”.

E lá se foi a turma toda fazendo algazarra. Alguns pegaram seus materiais e escapuliram. Outros trouxeram mais vídeos e mais relatos orais. O professor conferiu. Solicitou que, na aula seguinte, todos os alunos trouxessem o material produzido. Tinha acabado de planejar seu próximo conteúdo. Iria, juntamente com a criançada, editar os vídeos para fazer um documentário, uma chamada, uma campanha, divulgar. Convidaria algum colega seu que trabalha com produção e edição de materiais audiovisuais pra dar uma palestra, talvez uma oficina... Tanta coisa. Ele estava feliz. Tinha certeza de que não estava mais no caminho errado.

Dedicava-se à profissão lendo, pesquisando, experimentando. Acreditava no potencial de seus alunos enquanto seres humanos dotados de todas as faculdades necessárias para se apropriar de qualquer tipo de conhecimento. E, acima de tudo, tinha fé que a revolução na educação poderia levar à uma revolução social de uma magnitude que apenas o tempo poderia determinar. Contra ele pesavam, além da cara barbuda e do cabelo assanhado, as acusações de irresponsável, negligente, desrespeitoso e por aí ia.

Naquela mesma tarde, durante o intervalo, nossa estimada diretora invadiu uma reunião do grêmio estudantil, da qual participava, entre outras pessoas, nosso professor em questão. Uma das atividades a que ele estava se dedicando, era a de auxiliar na reativação do grêmio estudantil da escola. Isso, no entanto, é material talvez para um novo conto¹⁰.

NOTAS

¹Entendo a importância de desconstruir certos discursos, como no caso do uso machista que nosso idioma faz para certas generalizações. Façamos o seguinte teste, durante uma atividade qualquer, peça para que um casal de pessoas faça alguma coisa dirigindo-se a eles, da seguinte forma, por exemplo: “Vocês dois, se levantem!” Pouco depois, peça a outro (ou ao mesmo) casal se dirigindo a elas (pessoas), “As duas aí, se levantem!”. Vejam o resultado e entendam.

Apesar disso, explicamos aqui que, quando não nos referirmos a eles e elas em separado, optando por generalizar no masculino, não é por nenhum motivo de cunho machista, é apenas por uma ainda latente incapacidade deste falho ser humano que produz esse texto. Da mesma forma, quando causar confusão generalizações femininas, procurem sempre tentar associar à palavras femininas coletivas, como pessoas, criaturas, etc.

²A saber, dentre outros, podemos citar, desprezando a ABNT, nomes e títulos como:

FOUCAULT no seu *Vigiar e punir* (1975) abordando a questão da docilização dos corpos, da escola como local não só de reprodução e/ou criação de conhecimento, mas também de instituição que tem como objetivo manter a ordem social existente; as relações entre poder e saber, etc.

BOURDIER, que dialoga sobre o *habitus*, como forma de manutenção e reprodução de ordens sociais, insere o termo *violência simbólica*, sobre o que poderia ser entendido com as formas sutis de dominação, etc e tal, o cara publicou mais de 300 livros, entre eles *O poder simbólico* (1992).

PERRENOUD, com seu currículo oculto e suas competências, atribui não só ao ambiente escolar as causas do sucesso ou fracasso; sugere atitudes do tipo: rompimento com o currículo fechado, estático, rígido; desenvolvimento de outras formas de avaliação, e por aí vai. Citaria o *Escola e Cidadania. O papel da escola na formação para a democracia*. (2002).

FREIRE. No *Pedagogia do oprimido* (1968), livro bastante divulgado e lido, porém, pouco utilizado efetivamente. Esse barbudo meio louco defen-

dia uma educação emancipadora; revolucionária até, sugerindo a inter-relação entre professor, aluno e sociedade.

PROUDHON, BAKUNIN, esses europeus do século XIX, são classificados como anarquistas ou socialistas revolucionários ou comunistas utópicos ou de forma mais generalizada, libertários. Por isso mesmo, defendem que a educação deve ser construída sobre “o princípio da autoridade”. Incoerente? Será que há uma diferença entre princípio de autoridade e autoritarismo? Pra esses dois que são clássicos antigões eu vou furtrar umas bibliografias *a la* ANBT:

BAKUNIN, Mikhail. (2000) Deus e o Estado. São Paulo, Imaginário.

_____ (1989) in MORYIÓN. Educação Libertária. Porto Alegre, Artes Médicas.

PROUDHON. Pierre Joseph (1986). In, PASSETTI, Edson, RESENDE, Paulo Edgar. Proudon São Paulo, Ática. 149.

_____ (1989) in MORIYÓN, F.G. (org) Educação Libertária. Porto Alegre, Artes Médicas.

(Retiradas da dissertação de mestrado da Cristina S Queiroz - A EDUCAÇÃO COMO ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA: UMA CRÍTICA ANARQUISTA AO CONSTRUTIVISMO. Apresentada em 2002 como trabalho final para o Mestrado em História e Filosofia da Educação da Universidade Estadual de Campinas. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000248385> acesso em: 19/08/13)

Francisco Ferrer y Guardia e Ricardo Mella. Com a pedagogia libertária levada a cabo em escolas experimentais de tendências anarquistas. FEYERABEND com o anarquismo epistemológico.

GARCÍA MORIYÓN, F. Os pedagogos anarquistas. In: GARCÍA MORIYÓN, F. (org.). Educação libertária. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989b. p.68 - 82.

FEYERABEND, Paul. Contra o método. 3.ed. São Paulo: Francisco Alves,

1989. 488 p.

(Estas aqui habilmente furtadas do artigo *O ENSINO DE CIÊNCIAS E O PROFESSOR ANARQUISTA EPISTEMOLÓGICO* do Paulo S. Terra, publicado no *Cad. Brás. Ens. Fís.*, v. 19, n.2: p.208-218, ago. 2002. Disponível em <https://150.162.1.115/index.php/fisica/article/viewFile/6622/6120> acesso em 22/08/13)

³ Talvez infelizmente seja necessário informar que nosso querido professor, vez por outra, se utilizava de recursos sórdidos como: uma dicção mais acostumada a falar em público ou uma capacidade de organização e exposição de ideias um pouco maior que a de seus alunos, além, é claro, dos atributos de poder que são inerentes a sua posição de mestre, para impor o mínimo de ordem nas falas; ou então para reavivar um ponto fazendo um novo questionamento que levava a novas especulações e manifestações e assim por diante. Por mais que queiramos aqui ressaltar que a atividade pretendia o exercício da criatividade e da liberdade, de forma alguma nos esquecemos que os modelos impostos nas escolas atuam de forma automática no inconsciente das crianças (e de toda a comunidade). Sendo assim, queremos explicitar que, embora o professor diga: “Façam o que quiserem!”. Elas (as crianças) sabem que a qualquer momento esse mesmo professor pode revogar sua ordem e punir. A figura da autoridade e das regras penetram no inconsciente, no subconsciente, na pele e no espírito.

⁴ Para Gilvan Rocha no livro *Comunistas “filhos-da-pátria”* (2009), a sociedade privada não foi criada por um sabido que de repente disse “isso agora é meu”, segundo o ex-comunista, a propriedade privada foi fruto da própria sociedade para suprir as carências existenciais do comunismo primitivo.

⁵ Neste mundo a educação básica é dividida basicamente em Educação Infantil (para crianças de 0 a 5 anos); Ensino fundamental (para crianças a partir dos 6 anos, compreendendo um total de 9 anos, sendo que, os cinco primeiros são tratados como bloco – fundamental menor – e os restantes como área – fundamental maior.); Ensino médio (de 3 anos). Alguns estudos e indicadores apontam para um notório fato: há uma hierarquia na educação, onde os professores e professoras da educação infantil são a base e

os professores universitários são o topo. Essa divisão se dá, principalmente em virtude de duas coisas, a primeira sendo a remuneração. Via de regra,

os da educação infantil são os que ganham menos. A outra é o fator titulação, onde logicamente, os professores universitários se destacam com seus doutorados e PhD's ao passo que um grande contingente da educação básica não possui nem mesmo uma graduação. Nesse assunto acredito que não tenha tanto material publicado, mas há estudos sobre isso. Por ora vou citar apenas o "*Relações Raciais e Educação: novos desafios*" (2003) organizado pela Iolanda de Oliveira. Neste livro, a professora MULLER assina o texto *Professoras negras do Rio de Janeiro: história de um branqueamento*. A análise que ela faz das professoras negras do Rio na Primeira República dá algumas dicas sobre os motivos da educação nos dias de hoje estar da forma que esta.

⁶ Naqueles idos, a educação pública era mais ou menos assim. Havia no topo um prefeito, senhor absoluto daquela região, eleito democraticamente pelo voto da população. O prefeito então nomeia um Secretário de Educação, utilizando-se de todo o poder que lhe fora conferido pelo voto da própria população, constituindo-se assim, da mais perfeita forma de democracia e participação popular, atende aos anseios e clamores do povo ao seu bel prazer. É. Na escolha de quem comandaria a Secretaria de Educação a população não opinava, nem os alunos, nem os professores, nem ninguém identificável. O Secretário era apenas nomeado pelo prefeito. Seguindo a mesma ordem, a Secretaria escolhia quem trabalhava nela, ou seja, quem trabalhava na administração da educação e, ampliava seu poder, nomeando arbitrariamente quem seriam os gestores em nível local, ou seja, os diretores e diretoras de escola. Esse processo gerava um sem número de implicações negativas, pois os gestores indicados, via de regra, "rezavam na cartilha da Secretaria". Dessa forma, as batalhas dos docentes iniciavam dentro das próprias escolas, pois os gestores tratavam de executar todas as ordens coercitivas e de perseguição enviadas pelo secretário como envio de faltas, descontos em salários, assédios verbais, e mais ainda. Isso enfraquecia sobremaneira os movimentos reivindicatórios. A vitória sindical consistiu então em legalizar a eleição de diretores dentro da própria escola. A comunidade escolar é que deveria escolher seus administradores. O ponto chave é que o documento legal trazia algumas restrições, por exemplo: somente

poderiam se candidatar ao cargo de diretor, os professores e/ou pedagogos que tivessem um mínimo de 3 anos de efetivo magistério comprovado. Al-

guns tinham bem mais de três anos, mas não tinham como comprovar de acordo com o que o documento exigia (carteira de trabalho ou contracheque). Outros funcionários só poderiam se candidatar se tivessem algum curso de gestão pública. Somente os jovens com 14 anos ou mais estariam aptos a votar, para as demais, os responsáveis se encarregariam de representá-los. Os votos também não teriam o mesmo peso, sendo que quem conseguisse a maioria entre os professores raramente seria derrotado, mesmo que a grande maioria dos alunos votassem em outro candidato.

⁷ Frase descaradamente adaptada e baseada nessa aqui: “A massa precisa aprender a exercer o poder, exercendo o poder. Não há nenhum outro meio de lhe ensinar isso.” (Rosa Luxemburgo, em discurso proferido no Primeiro Congresso Nacional de Conselhos Operários e Soldados em Berlim no mês de dezembro de 1918. Essa frase desse discurso está presente numa porrada de livros, por isso eu me limito a citar a professora Isabel Loureiro, pelo fato dos dois livros sobre Rosa que eu tenho na mesa agora, serem dela.)

⁸ Rosa Luxemburg – assumidamente contrária a primeira guerra mundial, em 1914 se contradiz (e supostamente se arrepende amargamente pelo resto de sua curta vida) ao votar a favor dos créditos de guerra, acompanhando a bancada social-democrata do Reichstag. Daí viria a contradição de nosso personagem, um anarquista votando num processo democrático?

⁹ BOURDIER, de novo. Reforço o uso do termo violência simbólica, como algo que às vezes é praticado, tanto por opressores como por oprimidos, de forma inconsciente, ou automática. Nesta passagem nós vemos como a simples presença da diretora, já afeta a percepção e o comportamento das crianças. Isso é uma violência simbólica. O formato da escola, as fardas, as aulas em locais pré-determinados, o posicionamento do professor na sala, tudo isso faz parte da violência simbólica. Tudo isso colabora não para manter a paz e a ordem, não para favorecer a aprendizagem, mas sim, para manter as hierarquias sociais dentro daquele espaço. BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992. (Aqui eu me lembro de citar o velho DURKHEIM também, por entender se tratar de uma leitura que não seria perda de tempo.)

¹⁰ Não tenho formação literária nem tampouco sou escritor, por isso, peçoem os erros grosseiros que certamente intelectos mais bem treinados nas artes literárias encontrarão aos montes. Pretendo com essas linhas basicamente apenas duas coisas, sendo a primeira, desabafar (para não explodir) e a outra, compartilhar o desabafo (para quem sabe evitar que alguém exploda). Em anexo a essas pretensões, podemos colocar o desejo de divulgar teóricos que julgo ser importantes na batalha diária dos ambientes escolares além de dialogar e trocar ideias, sentimentos, experiências e o que quer que seja com a sociedade em geral.

*Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com a vida real é a mais pura e simples coincidência.



GRUPO DE ESTUDOS ANARQUISTAS DO PIAUÍ